



# A INFÂNCIA SOB O PRISMA DO VERSO

## UMA LEITURA DO POEMA “MEUS OITO ANOS” DE ÂNGELA VILMA

**Naiana Pereira de Freitas**  
(PPGLitCult/UFBA – Mestrado)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
<p><b>Naiana Pereira de Freitas</b> é licenciada em Letras (2012) pela Universidade Federal da Bahia. É recém-egressa do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult), da UFBA, no qual obteve título de mestre em 2016. Atualmente, é professora da educação básica da Secretaria Municipal de Educação de Mata de São João (SEDUC). Emeio: naiana_freitas@hotmail.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O tema “memória” tem sido objeto de pesquisa em diversas áreas, desde o campo da saúde ao da cultura. É possível perceber como essa temática é geradora de possibilidades. Assim, o objetivo deste artigo é verificar como a “memória” se constitui em um traço importante para a elaboração do poema “Meus oito anos”, de Ângela Vilma, publicado no blog Aeronauta. Para Halbwachs (1990), o grupo é a base para o desenvolvimento da memória interior de determinado sujeito. Logo, observa-se como a ação de recordar é um movimento constante entre a memória individual, privada e a memória pública, coletiva. É nesta relação entre as memórias que o referido poema será lido neste estudo. É preciso considerar, em relação à constituição do blog Aeronauta, que a memória coletiva se constitui a partir de elementos presentes na literatura já legitimada. Para Schittine (2004), a memória artificial das novas tecnologias contribuiu para que o indivíduo não exercitasse sua memória individual, visto que, com a passagem mais veloz do cotidiano, limita-se a capacidade de apreender os diversos acontecimentos. Com a finalidade de conter o excesso de informações, o indivíduo contemporâneo busca formas para construir sua memória. O poema em questão condensa esta relação entre a memória pessoal e coletiva. Ao elaborá-lo, a escritora evidencia que reconhece um sistema literário estabelecido no Brasil, logo, assume participar de uma coletividade. Neste cenário, expõe, por meio da memória individual, a perspectiva de sua infância.</p>	<p>Based on the results obtained in field research with children and adults - accompanied throughout the academic year 2006, in the city of Salvador, Bahia - I intend, with this work, to investigate the role of the syllable in the process of learning reading ability. It is interesting to observe to what extent the syllabic structure interferes in the initial reading process and in what way the Brazilian school has made use of this element during the systematization of writing in literacy classes. For that, I will take as reference the evolutionary biological theory of Mc Neillage and Davis (1990, 1993), called "Frames then Contents", which evidences the priority of the acquisition of the syllabic mold, followed by the content, in the acquisition of language. This conception has been attested by studies on the acquisition of the Portuguese language in Brazil (TEIXEIRA, 2000, 2003; SILVEIRA, 2006); however, the repercussion of this aspect of orality on the acquisition of literacy, a task that I intend to develop in this article, has not yet been investigated. I also try to understand how the information provided by the linguistic researches, which have continually reaffirmed the extreme syllabic regularity of Brazilian Portuguese, has been reflected on the practice of primary school classroom. Here I advocate a more incisive and more systematic use of the syllable in the early stages of literacy.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Memória; Infância; Poema; Blogs; Ângela Vilma	Memory; Childhood; Poem; Blogs; Ângela Vilma

## INTRODUÇÃO

O tema memórias atravessa um extenso caminho dentro da literatura, percorrendo os diversos gêneros textuais como o diário, o romance, a poesia e mais recentemente, o *blog*. Lourdes Kaminski Alves e José Carlos da Costa (2010) consideram que esse objeto de estudo, mesmo quando circunscrito ao campo dos estudos literários, pode ser abordado através de diferentes perspectivas “[...] da biologia à psicologia; da sociologia à filosofia ou ainda da história à cultura (literatura).” (ALVES; COSTA, 2010, p.189). Por este motivo, o objetivo deste artigo é verificar como a “memória” se constitui em um traço importante para a elaboração do poema “meus oito anos<sup>1</sup>”, produzido pela escritora baiana Ângela Vilma<sup>2</sup> e publicado no *blog Aeronauta* em 2012.

Para Silvina Rodrigues Lopes (2003), o poema não pode ser considerado como mero depósito da memória, pois pensar desta forma seria anular a capacidade infinita de produção de sentidos próprio do poema. A ausência de limites na significação do poema provém da faculdade criadora chamada memória, que imbricada nos versos produz novas leituras. Por isso, para a pesquisadora o poema se constitui como memória excessiva, pois ele se volta para si mesmo com a finalidade de atualizar novas leituras e produzir novos efeitos de significado. Por ser ativa e dinâmica a memória que reside nos versos possui uma força que não pode ser extinta, porque cada nova leitura testemunha uma diferente configuração de sentidos. Conforme, aponta o trecho a seguir,

[...]A emoção expressa no poema é a memória do poema, a sua faculdade criadora, a sua capacidade de produzir efeitos. Há uma leitura, não alheia à interpretação, que corresponde ao efeito mais imediato do poema, mas ele vai-se actualizando em todas as leituras que dele são feitas, sendo em cada uma delas a verdade que testemunha, e assim se constituindo sempre em excesso sobre si próprio, não o fiel depositário de uma memória, pois esta não é depositável, mas em si próprio memória que a cada

<sup>1</sup> Em geral os títulos das postagens no *blog Aeronauta* apresentam-se em letras minúsculas.

<sup>2</sup> A escritora é natural de Andaraí-BA. Desde 2010, leciona em regime de dedicação exclusiva na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na cidade de Amargosa/BA. A escritora mantém o *blog Aeronauta*, desde 2007. Já publicou livros de poesia e contos no mercado editorial baiano tanto em obras individuais como em coletâneas, como por exemplo, *Beira-vida* (1990); *Poemas escritos na pedra* (1994); *A casa* (1997); *Ela, João e o Terno* (1998); *Poemas para Antônio* (2010); *A solidão mais funda: homenagem aos grandes solitários* (2016). E fez parte das coletâneas: *Sete Faces* (1996), *Figuras contínuas* (2000), *Concerto lírico a quinze vozes* (2004) e *Tanta Poesia* (2006).

leitura apresenta uma configuração enigmática diferente. (LOPES, 2003, p.74)

Neste contexto, a memória será considerada como um elemento ativo na constituição da subjetividade, pois o ato de lembrar, além de ser uma forma de resistir à fugacidade do tempo, também é resultado de uma subjetividade que é “[...] determinada a partir de movimentos complexos gerados por tecnologias que ao longo da história do ocidente se multiplicaram e se diversificaram, além obviamente, de se transformarem.” (BIRMAN, 2000, p. 80). Assim, o trabalho da memória feminina corresponde a um exercício individual que reflete o contexto social no qual elas se inserem. Nesta ocasião, observa-se como a ação de recordar é um movimento constante entre a memória individual, privada e a memória pública, coletiva. Este entrecruzamento de memórias pode ser relacionado à teoria desenvolvida por Maurice Halbwachs (1990). Para este pesquisador, a memória individual alimenta-se das lembranças do grupo em que está inserida, ou seja, o grupo é a base para o desenvolvimento dessa memória interior de determinado sujeito.

## 1 O POEMA “MEUS OITO ANOS”: ENTRE MEMÓRIAS

É necessário estar inserido em um grupo para que se possa participar das mesmas lembranças. A memória individual não pode ser constituída a partir de uma “tábula rasa” (HALBWACHS, 1990, p.28), nem tampouco exclusivamente a partir da própria vontade apartada de qualquer movimento exterior de um grupo. Para que ocorra uma produção de lembranças, na teoria de Halbwachs, é necessário que o sujeito participe, em alguma medida, do acontecimento rememorado por terceiros. Caso contrário, a recordação sem ecos na lembrança individual do sujeito será apenas uma imagem do passado e não uma lembrança propriamente dita. De acordo com Halbwachs (1990, p.28),

[...] é que nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado. Da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças. Se, ao contrário, essa cena parece não ter deixado, como se diz, nenhum traço em nossa memória, isto é, se na ausência dessas testemunhas nós nos sentimos inteiramente incapazes de lhe reconstruir uma parte qualquer; aqueles que nô-la descrevem poderão fazer-nos um quadro vivo dela, mas isso não será jamais uma lembrança.

A passagem acima evidencia como é necessária a conexão entre a memória individual, que pertence ao sujeito, e a memória coletiva, que faz parte da sociedade. É indispensável o jogo entre estas duas faces da memória, cada qual com sua particularidade. Somente quando a memória individual encontra abrigo na memória coletiva, à memória poderá ser considerada fonte de “reconhecimento e reconstrução” (HALBWACHS, 1990, p.34). O ponto de interseção entre as duas memórias citadas acima é estabelecido quando o sujeito está inserido em laços de afetividade com a comunidade na qual é membro, já que desta forma, aspectos comuns entre o indivíduo e seu grupo social serão postos em relevo.

É preciso considerar, em relação à constituição do objeto do estudo, o *blog Aeronauta*, que a memória coletiva se constitui a partir de elementos presentes na literatura nacional e/ou estrangeira já legitimada. É possível perceber no poema analisado como “[...] a memória é capaz de se multiplicar e modificar sob a pressão de novos contextos históricos e biográficos, sem perder sua força organizadora.” (ANDRADE, 2012, p.90). Sendo assim fica evidente para o ponto de vista teórico, como a memória assume nos *blogs* uma nova configuração, visto que se pode discutir em que medida os *blogs* podem ser uma nova forma de arquivar a memória pessoal e a coletiva, principalmente, quando se atrela a esta conjuntura os textos escritos sob a perspectiva de uma autoria feminina.

A teoria elaborada por Maurice Halbwachs (1990) pode ser transposta para o contexto dos *blogs*, no sentido em que eles se constituem destas duas fontes de memória, tanto a pessoal como a coletiva. E, se a função da memória no sujeito necessita da dimensão social para se fundamentar, a memória que compõe os *blogs* carece dos recursos tecnológicos disponíveis. Com a finalidade de discutir acerca de estes elementos apresenta-se um poema cujo título é “meus oito anos” postado em 9 de agosto de 2012, que condensa essa relação entre a memória pessoal e coletiva. Ao elaborar este poema, a escritora evidencia que reconhece um sistema literário estabelecido no Brasil, logo assume participar de uma coletividade. Neste cenário, expõe por meio da memória individual a perspectiva de sua infância neste contexto. Segue o poema,

meus oito anos  
Não, Casimiro, não tenho saudade  
de meus oito anos.  
A aurora de minha vida era o crepúsculo  
avermelhado  
5 que eu via sempre, assustada  
pensando ser o fim do mundo.

A minha infância não tem som  
de violino,  
nem de piano.

10 Vez ou outra ouço sim um ranger de porta  
abrindo, abrindo sempre  
para que tudo volte.

A tramela insiste, aberta,  
e o vento faz festa com ela.

15 A tranca e a janela  
são convites à minha espera.

Mas para que querer a infância  
se os anos a trazem sempre  
à minha revelia?

20 Ela dorme, em letargia,  
se levanta, não se cansa  
não se cansa nunca  
de morrer

É possível perceber a recorrência do tema infância no *blog Aeronauta*, agora sob o prisma do verso, ratificando a associação entre a leitora e escritora Ângela Vilma. A linguagem empregada no *blog* demanda sempre uma elaboração. Por via da intertextualidade, a *Aeronauta* dialoga com o poeta do século XIX, Casimiro de Abreu<sup>3</sup>, participante do Romantismo. Ângela Vilma se apropria do título do poema, “Meus oito anos” e escreve um texto homônimo evidenciando, mais uma vez, a sua posição de escritora enquanto leitora de literatura. Esse poema configura-se como resposta àquele

---

<sup>3</sup> O poeta Casimiro de Abreu (1839- 1860) nasceu em Barra de São João, RJ. (atual distrito da cidade Casimiro de Abreu). Em 1853, viaja para Portugal por motivo de trabalho. Em 1856, escreve um drama chamado *Camões e o Jau* e um folhetim de nome *Carolina*. No ano seguinte retorna ao Rio de Janeiro tornando-se colaborador em diversos jornais da capital, como por exemplo, *A Marmota*, *O Espelho*, *Revista Popular* e *Correio Mercantil*. Além disso, publica a prosa poética, *Páginas do coração* (1857). Em 1859, publica a sua obra-prima chamada *As primaveras*. Neste livro estão reunidas as principais temáticas que o classificam como um poeta pertencente ao romantismo, como por exemplo, as saudades da infância e da terra natal, o apreço pela natureza e pela religiosidade, a glorificação da juventude e da pátria, a previsão da morte e a criação imaginária da amada. É importante registrar como o Romantismo primava pela insatisfação diante do mundo que levava à busca por evasão no tempo, no espaço, na busca da morte. A inadequação ao mundo marcava os poetas em especial os da segunda geração no Brasil. De acordo com Alfredo Bosi (2006, p.93) o ponto central defendido pelos românticos é o sujeito. Este incapaz de solucionar os conflitos sócio-históricos abriga-se na evasão. Por isso, os escritores desse período recriam uma Idade Média gótica e fogem para distantes lugares como o Oriente Médio. Há a preferência pela noite, pois na escuridão a força do sonho e da imaginação é revelada. É relevante assinalar que o poema, “Meus oito anos”, escrito por esse autor, é um dos mais conhecidos na literatura nacional sendo revisitado por diversos escritores (as) ao longo do tempo e até mesmo cantando na música *Doze anos* (1979) de Chico Buarque.

primeiro elaborado por Abreu. Resposta que, de certa forma, rasura toda a atmosfera nostálgica da infância emoldurada por ele. Como se pode perceber, nos primeiros versos do poema contemporâneo: “[...] Não, Casimiro, não tenho saudade/de meus oito anos.” (VILMA, 2012).

A seguir, o eu-lírico destes versos constitui a sua infância não pelo amanhecer dos dias como nos versos do século XIX, mas a sua infância é caracterizada pelo entardecer que conduz um “fim do mundo”, contrastando com a ideia da infância emoldurada em um “sonho dourado” como no poema de Casimiro de Abreu. Neste referido poema, a noção de infância está imbricada com uma atmosfera melodiosa e harmônica fazendo jus à própria realização da estética romântica, que primava pelo encantamento, magia, coroação de uma vida envolta em sonho, misticismo. Por outro lado, o que se percebe no poema “Meus oito anos” do século XXI é uma ausência de “pianos, violinos” (VILMA, 2012), promovendo uma ruptura com a estética romântica. O som que ecoa destes versos contemporâneos é o “ranger de porta” que remete a realidade comum de uma casa simples, pois a porta possui uma fechadura artesanal (tramela) própria das casas do interior do Brasil.

Este barulho trivial é o responsável por guiar a memória do eu-lírico presente nestes versos, já que esse ranger funciona como um guardião dessa memória passada, que, neste caso, já se apresenta alterada devido ao presente, com as reflexões de uma adulta. Este som típico escutado aos oito anos retoma, em alguma medida, a formulação proustiana de memória involuntária, já que é uma impressão dos sentidos que faz com que as imagens do poema sejam projetadas.

É esta memória que ativa continuamente essa infância longínqua, que mesmo a contragosto, insiste em vir à tona, instituindo o que Fábio Andrade (2012) aponta como “curto circuito no tempo”. É essa memória que promove o despertar de uma infância sonolenta que ao ser acionada, ressurge, mas sempre retorna para o passado, sem pestanejar. Conforme os versos que seguem: “[...] Ela dorme, em letargia,/se levanta, não se cansa/não se cansa nunca/de morrer” (VILMA, 2012).

O poema “meus oito anos” (2012) ilustra, de forma produtiva, o diálogo com outras vozes de escritores (as) <sup>4</sup>, pertencentes a um imaginário coletivo e, portanto,

---

<sup>4</sup> Oswald de Andrade (1890-1954) e Ruth Rocha (1931) foram os escritores que, no século XX, elaboraram poemas que dialogam com o poema de Casimiro de Abreu (XIX). Oswald de Andrade (1890-1954) escritor, ensaísta e dramaturgo paulista. Foi um dos responsáveis por organizar a “Semana de 1922”. Neste ano lança o livro *Os condenados* (1922) inaugurando o período que posteriormente seria consagrado por rupturas aos padrões estéticos existentes. Para Haroldo de Campos (1971) em prefácio a *Obras completas de Oswald de Andrade*, a poesia oswaldiana pode ser caracterizada como radical à proporção que transforma, com a inserção da língua popular, a linguagem literária. Esta radicalidade pode ser considerada por duas perspectivas uma “destrutiva” e uma “construtiva”. A primeira retoma elementos nacionais para contestá-los através do recurso da paródia, dessacralizando-os. E a segunda, o tom “construtivo” pode ser

confirma ainda mais a relação entre a memória individual e coletiva no *blog Aeronauta*. Neste particular, a memória coletiva expressada origina-se a partir de um discurso literário comum, fortalecendo a imagem de escritora enquanto leitora de literatura brasileira. Se a escritora no século XXI estabelece uma ruptura com o poema do século XIX, os dois outros escritores do século XX, o modernista Oswald de Andrade e Ruth Rocha empreenderam o mesmo movimento. O que se pode perceber é a paulatina ruptura com o imaginário harmônico da infância, que no século XIX estava também relacionada à própria constituição da nação, as belezas da terra.

Oswald de Andrade (1971) <sup>5</sup>apresenta uma saudade de uma infância que contrasta com o desenvolvimento urbano, já que a “cidade progredia” (ANDRADE, 1971, p.162) “Sem nenhum laranjais” (ANDRADE, 1971, p. 162) e a escritora Ruth Rocha (1983) <sup>6</sup>elabora uma verdadeira paródia ao poema de Casimiro de Abreu. O eu-lírico deste poema, apesar de admitir a existência dos “laranjais”, compõe o poema a partir de experiências nada satisfatórias do tempo da infância. Como se nota em: “[...] Ai que saudades que eu tenho/Da aurora da minha vida,/Não gostava da comida/Mas tinha que comer mais...”(ROCHA,1983).

Enquanto o poema de Casimiro de Abreu apresenta uma conformidade entre a criança e o adulto que recobra as suas lembranças da época vivida, pode-se notar que

---

percebido na elaboração de uma “estética” bem humorada que através do “recorte e cola” produz uma poesia retirada dos trechos dos textos dos primeiros cronistas do Brasil. Ruth Rocha (1931) nasceu em São Paulo, é mundialmente conhecida como escritora de livros infantojuvenis. Ela assim como Oswald de Andrade se utiliza da paródia para contestar o “mito da infância feliz” difundido pelos escritores românticos brasileiros, em especial por Casimiro de Abreu.

<sup>5</sup> Segue o poema “Meus oito anos” de Oswald de Andrade (1971, p. 162): “Oh que saudades que eu tenho/Da aurora de minha vida/Das horas/De minha infância/Que os anos não trazem mais/Naquele quintal de terra/Da Rua de Santo Antônio/Debaixo da bananeira/Sem nenhum laranjais//Eu tinha doces visões /Da cocaína da infância/Nos banhos de astro-rei/Do quintal de minha ânsia/A cidade progredia.”.

<sup>6</sup> Na íntegra o poema “Ai que saudades...” de Ruth Rocha (1983): “Ai que saudades que tenho/Da aurora da minha vida/Da minha infância querida/Que os anos não trazem mais.../Me sentia rejeitada,/Tão feia, desajeitada,/Tão frágil, tola, impotente,/Apesar dos laranjais.//Ai que saudades que eu tenho/Da aurora da minha vida,/Não gostava da comida/Mas tinha que comer mais.../Espinafre, beterraba,/E era fígado e era fava,/E tudo que eu não gostava/Em porções industriais.//Como são tristes os dias/Da criança escravizada,/Todos mandam na coitada,/Ela não manda em ninguém.../O pai manda, a mãe desmanda, /O irmão mais velho comanda,/Todos entram na ciranda,/E ela sempre diz amém...//Naqueles tempos ditosos/Não podia abrir a boca,/E a professora era louca,/Só queria era gritar./Senta direito, menina!/Ou se não, tem sabatina!/Que letra mais horrorosa!/E pare de conversar!//Oh dias da minha infância, /Quando eu ficava doente,/Ou sentia dor de dente,/E lá vinha tratamento!/Era um tal de vitamina.../Mingau, remédio, vacina,/Inalação e aspirina,/Injeção e linimento!//E sem falar na tortura:/Blusa de gola engomada,/Roupa de cava apertada,/Sapatinho de verniz.../E as ordens? Anda direito!/Diz bom dia pras visitas!/Que menina mais sem jeito!/Tira o dedo do nariz!//Que aurora! Que sol! Que nada!/Vai já guardar os brinquedos!/Menina, não chupe os dedos!/Não pode brincar na lama!/Vai já botar o agasalho!/Vai já fazer a lição!/Criança não tem razão!/É tarde, vai já pra cama!//Vê se penteia o cabelo!/Menina se mostradeira!/Menina novidadeira!/Está se rindo demais!— Que amor, que sonhos, que flores,/Naquelas tardes fagueiras,/À sombra das bananeiras,/Debaixo dos laranjais!

os poemas posteriores ridicularizam esta postura. Já para Oswald de Andrade, a infância é retomada a partir de uma noção de ilusão, já que é a “cocaína da infância” que o faz recordar dos tempos idos. Para Ruth Rocha, a reconciliação entre a menina e a adulta ocorre no fim do poema quando ela retoma aos versos felizes de Casimiro de Abreu. Esta escritora inicia seus versos recorrendo aos versos do século XIX, e, após parodiar, visto que contesta a noção apresentada no poema anterior, retoma aos versos do poeta. Para a *Aeronauta*, talvez o consenso entre a adulta e a criança só possa acontecer no campo da memória, já que esta não se cansa de morrer trazendo ao presente sempre que possível à menina pela mão.

## 2 A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA ARTIFICIAL NOS BLOGS

Para Denise Schittine (2004), a memória artificial das novas tecnologias contribuiu para que o indivíduo não exercite a sua memória individual, visto que, com a passagem mais veloz do cotidiano, limita-se a capacidade de apreender os diversos acontecimentos. Com a finalidade de conter o excesso de informações, o indivíduo contemporâneo busca formas para construir sua memória. Conforme Denise Schittine (2004), ao ler Andreas Huyssen (2001), o contexto contemporâneo valoriza o biográfico, restaurando centros urbanos e expandindo os museus pelo mundo. Nota-se, no *blog* em estudo, uma tendência ao biográfico, mesmo que esse biográfico apresente-se abrigado na ficção. Neste sentido, o *blog* como um todo pode ser considerado como um lugar de memória, como os museus, na compreensão de Pierre Nora (1993).

Enquanto o diário em papel fornecia pistas para a manutenção de uma memória pessoal, o ato de lembrar transposto para a tela tornou possível gerar uma memória pessoal na rede, que, com suas atribuições tecnológicas, pode executar o trabalho de lembrar pelos usuários. Denise Schittine explica que, com o surgimento das novas tecnologias entre elas, principalmente o computador, o indivíduo passa a ser mais dependente desse aparato. Conforme a autora (SCHITTINE, 2004, p.125),

[...] Com isso, a memória como capacidade psíquica vai abandonando a sua maneira tradicional de trabalhar e delegando inúmeras tarefas a uma memória artificial. Sem a ajuda do computador, nossa memória pessoal está sujeita ao exercício da lembrança e do esquecimento, se constrói de grandes repousos e eventuais despertares. É subjetiva porque nutre lembranças que nos parecem dispensáveis e esquece aquelas que nos parece mais caras.

A memória artificial preenche os espaços deixados pela memória psíquica. Nesta configuração de memória, o blogueiro pode selecionar a memória arquivada neste

instrumento e assim recuperar aquele acontecimento específico. A quantidade de informações armazenadas é interminável, o que importa é arquivar, tornando a memória pessoal com menor capacidade para memorizar, diferente do movimento encontrado em passado longínquo em que os fatos eram memorizados e apresentados oralmente à população.

Essa memória sem limites projetada em um PC trabalha em duas direções: permite arquivar todos os acontecimentos para impedir o avanço do esquecimento, ao passo que limita a capacidade do indivíduo em memorizar. As páginas dos *blogs* abrigam informações tanto às provindas da realidade do mundo inteiro, que pertencem a uma memória coletiva e ao mesmo tempo colaboram para a elaboração da memória individual tanto do escritor quanto do leitor destes textos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto, foi possível perceber como as “memórias” individual e coletiva são importantes para a criação do poema pela escritora em estudo. É através do diálogo constante de ambas que a leitura do poema “meus oito anos” pôde ser realizada. A memória aliada à infinidade de significações do poema potencializa a produção literária da escritora baiana Ângela Vilma. Assim, este estudo mostra-se relevante, porque lançará luz sobre três questões urgentes no século XXI que são: um olhar sobre a literatura atual produzida por mulheres na Bahia, um estudo sobre o *blog* e a sua legitimidade dentro do universo acadêmico e principalmente a presença do poema no cenário contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Casimiro. **Meus oito anos**. Disponível em:<  
<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/meusoitoanos.htm>>. Acesso em: 12 out.de 2015.
- ABROMOVICH, Fanny (Org). **O mito da infância feliz: antologia**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1983.
- ALVES, Lourdes Kaminski; COSTA, José Carlos da. Representações da memória na literatura e na cultura. **Revista Investigações**, Pernambuco, v. 23, n. 1, p.187-210, jan. 2010.
- ANDRADE, Oswald de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- ANDRADE, Fábio de Souza. Trouxeste a chave? Poesia e memória em Carlos Drummond de Andrade. In: MOURA, Murilo Marcondes de. (Org.). **Cadernos de Leituras: Carlos Drummond**

de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.89-105.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BIRMAN, Joel. Desconstrução da filosofia do sujeito. In: \_\_\_\_\_. **Entre cuidado e saber sobre si: sobre Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições vértice. 1990. Disponível em: <[http://minhateca.com.br/revistaperspectivahistorica/A+Mem\\*c3\\*b3ria+Coletiva-+Maurice+Halbwachs,46380547.pdf](http://minhateca.com.br/revistaperspectivahistorica/A+Mem*c3*b3ria+Coletiva-+Maurice+Halbwachs,46380547.pdf)>. Acesso em: 24 abr.de 2015.

LOPES, Silvina Rodrigues. A poesia, memória excessiva. In: \_\_\_\_\_. **Literatura, defesa do atrito**. Lisboa: Vendaval, 2003.p.59-77.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 27 abr.de 2014.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VILMA, Ângela. **Aeronauta** [Blog]. Disponível em: <<http://wwwaeronauta.blogspot.com>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

Título em inglês:

**THE CHILDHOOD FROM THE PERSPECTIVE OF VERSE: A READING OF THE POEM "MEUS OITO ANOS" BY ÂNGELA VILMA**